
A INSPIRAÇÃO E
A INERRÂNCIA DAS
Escrituras

HERMISTEN MAIA PEREIRA DA COSTA

A INSPIRAÇÃO E INERRÂNCIA DAS ESCRITURAS
Hermisten Maia Pereira da Costa
1998, Editora Cultura Cristã

1ª edição – 1998
2ª edição – 2007
Tiragem – 3.000 exemplares

Revisão
Wendell Lessa Vilela Xavier

Editores
Rissato

Capa

Conselho Editorial
Ageu Cirilo de Magalhães Jr., Alex Barbosa Vieira, André Luiz Ramos,
Fernando Hamilton Costa, Francisco Solano Portela Neto, Mauro Fernando
Meister, Valdeci da Silva Santos e Francisco Baptista de Mello

 **EDITORA CULTURA CRISTÃ**
Rua Miguel Teles Júnior, 394 – Cambuci
01540-040 – São Paulo – SP – Brasil
C.Postal 15.136 – São Paulo – SP – 01599-970
Fone (0**11) 3207-7099 – Fax (0**11) 3209-1255
www.cep.org.br – cep@cep.org.br
0800-141963

Superintendente: Haveraldo Ferreira Vargas

Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

Em memória do Rev. Raymundo Loria
(02/07/1911–13/05/1993),
que nos estimulou, com sua vida e ensino,
a amar a Deus e sua infalível Palavra.

Dedico esta 2ª edição
in memoriam do
Rev. Boanerges Ribeiro (1919 – 2003),
que prefaciou a 1ª edição,
com quem tenho dívida de perene gratidão
pelo seu testemunho de vida cristã,
ministério pastoral e excelência acadêmica.



Sumário

Prefácio à 1ª edição	9
Apresentação à 2ª edição	11
Introdução	13
Primeira Parte – A formação do Cânon	
Introdução	15
1. Origem e emprego da palavra “cânon”	17
1.1. Origem da palavra	17
1.2. “Cânon” na literatura secular	18
1.3. Uso eclesiástico da palavra “cânon”	20
1.3.1. No Novo Testamento	20
1.3.2. Nos <i>Pais</i> e concílios da igreja	20
1.3.3. Aplicação da palavra “cânon” aos escritos sagrados	24
2. A necessidade do reconhecimento oficial do Cânon	29
2.1. O critério canônico	31
2.1.1. A apostolicidade	32
2.1.2. A aceitação e utilização por parte da igreja	33
2.1.3. Coerência doutrinária	33
2.1.4. Inspiração	34
2.2. Os Antilegόμεna	34
2.2.1. Hebreus	34
2.2.2. Filemom	37
2.2.3. Tiago	38
2.2.4. 2 Pedro	40
2.2.5. Judas	43
2.2.6. Apocalipse	45
Segunda Parte – Uma perspectiva reformada	
Introdução	51
1. O que entendemos por Escritura	
1.1. A Vulgata	53
1.2. Algumas das primeiras traduções “protestantes”	55

1.3. A Bíblia nas confissões reformadas	66
1. Confissão Gaulesa (1559)	66
2. Confissão Belga (1561)	67
3. A Segunda Confissão Helvética (1562 – 1566)	68
4. A Confissão de Westminster (1647)	68
5. A Confissão dos Valdenses (1655)	69
1.4. A posição reformada	70
2. A inspiração e inerrância das Escrituras	70
2.1. A necessidade das Escrituras	70
2.1.1. Necessidade primária	70
2.1.2. Necessidade conseqüente	71
2.2. A inspiração das Escrituras	73
2.2.1. O que inspiração não é	73
2.2.1.1. Mecânica ou ditada	73
2.2.1.2. Iluminação	73
2.2.1.3. Intuição	74
2.2.1.4. Parcial ou fracionada	74
2.2.1.5. Mental	74
2.2.2. O que entendemos por inspiração	75
2.2.2.1. Considerações gramaticais	75
2.2.2.2. Definição de inspiração	76
2.2.2.3. O papel dos escritores sagrados nos seus respectivos registros	81
2.2.3. O que entendemos por inerrância	83
2.2.3.1. O porquê dessa doutrina	83
2.2.3.2. Definição de inerrância	83
2.2.3.3. Implicações da doutrina da inerrância bíblica	83
2.3. A Bíblia dá testemunho da sua inspiração e inerrância	88
2.3.1. Os profetas	89
2.3.2. Os apóstolos	89
2.3.3. Jesus Cristo	90
2.3.4. Afirmações diretas das Escrituras	90
2.4. A inerrância e um sistema doutrinário coerente	91
2.4.1. A inerrância e a evangelização	92
3. A relevância das Escrituras no sistema reformado	96
3.1. João Calvino: o exegeta da Reforma	96
3.2. A <i>Confissão de Westminster</i>	123
3.3. Autoridade interna	124
3.4. Autoridade hermenêutica	126
3.5. Autoridade norteadora	127
3.6. Autoridade para nos conduzir a Deus	134

<i>Sumário</i>	7
3.7. Autoridade para julgar a nossa teologia	135
3.8. Autoridade completa	136
3.9. Autoridade escrita final	136
Anexo 1 – A invenção da imprensa moderna	139
Anexo 2 – A tipografia e a Bíblia no Brasil: esboço introdutório	141
1. Primórdios da tipografia no Brasil	141
2. A Bíblia e os seus divulgadores no Brasil	150



Prefácio à 1ª edição

O Rev. Hermisten Maia Pereira da Costa vem oferecendo ao movimento de reforma da religião no Brasil a indispensável contribuição de obras muito bem-informadas.

Traz-nos o benefício da cátedra competente, com trabalhos originais, produzidos aqui mesmo (aos quais vêm-se acrescentando as traduções valiosas e claras dos *Comentários* de Calvino pelo Rev. Valter Graciano Martins).

Na Introdução da presente obra do Rev. Hermisten é examinado o processo de reconhecimento do Cânon pelos judeus (Antigo Testamento); pela igreja antes de Trento, e confissões reformadas e Luteranas (os 66 livros canônicos da Bíblia).

É uma introdução oportuna e atualiza trabalhos de gerações que nos precederam.

A polêmica sobre a canonicidade dos apócrifos, lançada com a palavra de ordem “Bíblias falsificadas” do arcebispo D. Romualdo, da Bahia, por volta de 1839, foi intensa.

O Rev. Hermisten sustenta que a Bíblia, toda ela, é o registro inspirado pelo Espírito Santo da revelação especial de Deus e, portanto, é infalível no texto original. O autor desenvolve, explica e comprova sua posição com clareza e síntese.

Para nós, brasileiros, modelados numa sociedade em que misticismo e credence se mesclam à pretensão de porta-voz atual da Revelação Divina (com uma infalibilidade decretada em 1870), o livro do Rev. Hermisten é mais que oportuno.

Sem ser indeciso, nosso autor não é agressivo, e sua posição não se erica de refutações. Isso é excelente, pois o leitor navega pelo texto sem dar trombadas em cada curva; a leitura é tranqüila.

Fundamenta suas afirmações com notas de pé de página riquíssimas. Quando cita *Pais* da Igreja ou Reformadores, fá-lo usualmente em primeira mão. Como seria de esperar, pois é reformado, traz Calvino ao texto com frequência.

Fiel à própria tese, seu alicerce é a Bíblia, com recurso ao original hebraico ou grego, quando necessário.

O público saberá receber bem este livro e dele tirará muito bom proveito.

São Paulo, 28 de março de 1998

BOANERGES RIBEIRO



Apresentação à 2ª edição

Quase dez anos se passaram desde a 1ª edição deste livro. Continuo sustentando os mesmos pontos. Contudo, observo com tristeza como o descrédito para com a Palavra tem sido crescente entre os teólogos, mesmo em nosso país. Os mestres que deveriam se esmerar no ensino da Palavra têm, com frequência, distanciado o povo da Palavra.

Confesso que não imaginava que o caminho para a secularização fosse tão rápido. As Faculdades de Teologia que têm se proliferado em nosso país – com alunos desejosos de ter os seus diplomas reconhecidos por órgãos do governo – têm sido uma das grandes difusoras deste descrédito. Acredito que quem mais vá sofrer com isso são os nossos irmãos pentecostais que, em geral, por suas denominações não manterem seminários, enviam seus candidatos para tais instituições. Muitos voltam, quando voltam, totalmente confusos: são pentecostais; contudo, não aceitam a Bíblia como Palavra de Deus! Sei que isso parece paradoxal; não é: é pura esquizofrenia teológica. É uma pena.

Agora, fala-se em “teólogos profissionais”. Estes, em geral, não pastoreiam. Não há quem os agüente ouvir falar, dominicalmente, de filosofia, sociologia e de religião como ciência. A Palavra fica esquecida. Curiosamente, estes tais querem ser mantidos pelas igrejas como se já não bastasse terem sido financiados por elas em sua “formação”.

Se quisermos preservar nossas igrejas, temos de perseverar no ensino das Escrituras; somente nelas poderemos ter vida e alimento sólido para todas as nossas necessidades. A igreja não tem alternativa: ou volta à Palavra ou se perderá totalmente como igreja cristã, tornando-se uma seita pagã.

Os liberais – utilizo o termo de modo genérico – são, em geral, parasitas crônicos que se alimentam da igreja, não a deixam e a destroem, mesmo sabendo que com a morte da igreja eles também morrerão, leia-se: ficarão sem mantenedores. Todavia, são profissionais. Algum novo emprego aparecerá. Não importa: eles não sabem criar, apenas destruir o que já existe, buscando o seu sustento na destruição dos valores da igreja. Seus ventres são enormes, mas seus braços são curtos para o trabalho de edificação do povo de Deus.

Não precisamos de atitudes e pensamentos politicamente corretos; precisamos, sim, de atitude e comportamento teologicamente corretos. Sem a Palavra como ponto de partida da igreja não há o que fazer; ela estará fadada ao fracasso. Portanto, a doutrina da inerrância bíblica, por ser bíblica, é preservadora e estimuladora de uma fé cristã saudável e madura.

J. Calvino (1509 – 1564), o excepcional pastor, escreveu: “*A Escritura é a fonte de toda a sabedoria, e os pastores terão de extrair dela tudo o que eles expõem diante do seu rebanho*”.¹ Sem a Palavra, o púlpito se torna um lugar que, no máximo, serve como terapia para aliviar as tensões de um auditório cansado e ansioso em busca de refrigério para as suas necessidades mais imediatamente percebidas. Ele pode conseguir o alívio do sintoma, mas não a cura para as suas reais necessidades. Portanto, preguemos fielmente a infalível Palavra de Deus.

Espero que este livro possa contribuir, ainda que modestamente, a uma volta à Palavra, por meio da qual o Espírito gera fé em Cristo e nos edifica.

Maringá, 1º de maio de 2007
HERMISTEN MAIA PEREIRA DA COSTA

1. João Calvino, *As Pastorais*, São Paulo: Paracletos, 1998 (1Tm 4.13), pág. 123.

Introdução

Este trabalho constitui-se basicamente de duas partes. A Primeira Parte aborda mais especificamente a questão do Cânon Bíblico: sua necessidade, critério e reconhecimento final, enfatizando também os problemas suscitados com alguns livros do Novo Testamento e a sua aceitação ao longo da História. Essa parte é mais técnica; portanto, ao leitor menos interessado nessas discussões, sugiro que passe diretamente à segunda parte sem maiores prejuízos. A Segunda Parte analisa mais propriamente a questão teológica do significado da inspiração e inerrância bíblicas na visão dos reformadores ao longo da História e as implicações práticas desses assuntos para a vida da igreja, inclusive na evangelização.

Ao final do trabalho, acrescentei também dois adendos. O primeiro fala sobre a invenção de Gutenberg e a impressão de Bíblias. O segundo é um tópico referente à tipografia no Brasil e à questão da distribuição de Bíblias, especialmente no século 19, acompanhada da acusação mentirosa de que as “Bíblias Protestantes” eram falsificadas.

Não temos a pretensão de originalidade nem de ter palavra final sobre o assunto neste trabalho, exceto no ponto fundamental do qual nós, reformados, não abrimos mão em fidelidade à própria Escritura: toda a Escritura é inspirada por Deus.

Na redação deste texto pudemos nos valer da excelente biblioteca do Seminário Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição, em São Paulo, e do Arquivo Presbiteriano. Muitos dos pontos aqui analisados foram discutidos com meus alunos no referido Seminário, os quais se constituem, em muitas ocasiões, em mestres perspicazes. Muito obrigado a todos pela paciência e questionamentos.

Sou imensamente grato ao Rev. Boanerges Ribeiro, que leu o original e fez sugestões críticas valiosas que, certamente, muito enriqueceram o nosso trabalho. A sua contribuição à minha vida acadêmica e pessoal não está restrita à leitura e elaboração do prefácio deste texto; todavia aqui não é o lugar para se tratar disso. Deixo apenas este registro de agradecimento. Agradeço também ao Rev. Wagner Barbosa, que fez oportuna e relevante revisão do texto. Obviamente, os possíveis equívocos e omissões devem ser debitados a mim.

No mais, desejo que, pela leitura deste livro, mais pessoas possam, pelo Espírito, ser conduzidas a um apego irrestrito à inerrante e infalível Palavra de Deus.

São Paulo, 30 de março de 1998.

HERMISTEN MAIA PEREIRA DA COSTA